

## **GESTÃO DE CUSTOS: UMA ABORDAGEM INTEGRADA ENTRE CONTABILIDADE, ENGENHARIA E ADMINISTRAÇÃO**

### *COST MANAGEMENT: AN INTEGRATED APPROACH BETWEEN ACCOUNTING, ENGINEERING AND ADMINISTRATION*

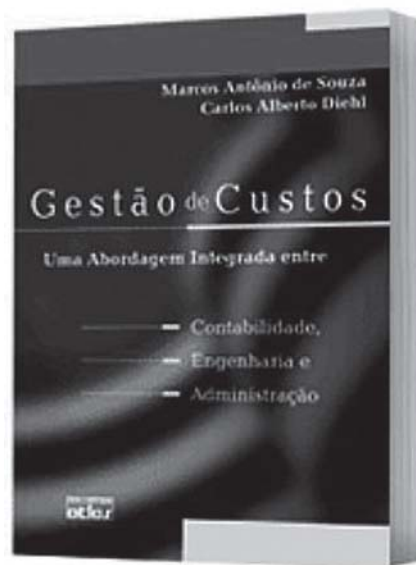
SOUZA, Marco Antonio de & DIEHL, Carlos Alberto. *Gestão de custos: uma abordagem integrada entre contabilidade, engenharia e administração*. São Paulo: Atlas, 2009.

**Leonel Mazzalli**

Prof. do Programa de Mestrado em Administração da USCS

A originalidade do trabalho reside na abordagem do tema “custos” como “(...) sistema de informações de apoio à decisão e, mormente, sobre a lógica do seu usuário” (p. xvi), considerando as visões da área contábil, da engenharia (de produção) e da administração. A proposta é integrar duas visões sobre contabilidade de custos. Uma ligada aos profissionais próximos das ciências contábeis, com foco nos aspectos tributários e societários; a outra ligada aos profissionais da engenharia da produção, com foco na gestão de produtos e processos, abrangendo decisões de comprar/fazer, retirar de produtos de linha, substituir equipamentos e reduzir custos.

A Parte I – Conceitos Básicos – oferece um quadro conceitual, explicitando, de modo particular, a diferença entre gasto/desembolso e custo. Os primeiros situam-se no âmbito das decisões financeiras; o segundo, no âmbito das decisões de produção e venda, tendo por referência o consumo de recursos (humanos, materiais e de capital). Além de deixarem clara a distinção entre custos e despesas, cara ao sistema contábil tradicional, os autores evidenciaram tratar-se de uma convenção, atrelada à valoração dos estoques. “Para fins de contabilidade fiscal e societária (legal), esta diferença é importante. Os custos considerados para fins de valoração de estoques não consideram as despesas. (...)” (p. 48-49).



Ainda na primeira parte, é fundamental a inter-relação entre os dois critérios básicos para classificação dos custos: possibilidade de identificação aos objetos de custos (direto e indireto) e nível de atividade (fixos e variáveis). Agregue-se a precisão na conceituação dos custos fixos e custos variáveis: “Os primeiros estão associados a recursos comprometidos, cujo nível de utilização é definido *a priori*, isto é, antes do seu consumo. Já os segundos estão associados a recursos flexíveis, e seu nível de utilização é definido no momento de seu uso.” (p. 16). Em outras palavras, os custos fixos são estruturais e têm origem na definição da capacidade (estrutura) de produção e vendas. Os custos variáveis, por sua vez, estão atrelados ao nível de utilização da capacidade.

A Parte II – Mensuração e Custo – aprofunda a discussão sobre os sistemas de custos – “conjunto estruturado de princípios, métodos com o fim de informar o custo de objetos”. Na apresentação dos princípios, ou filosofias de custeio – integral, absorção parcial e variável –, os autores deixaram clara a importância dos custos fixos e, por consequência, do nível de atividade no processo de mensuração dos custos. Com relação aos métodos de custeio, “(...) a grande questão a ser respondida na alocação dos custos é relativa aos custos indiretos, que guardam difícil interpretação com o objeto ou mesmo não as têm”

**Endereço do autor:**

**Leonel Mazzalli**

E-mail: leonel\_mazzalli@uscs.edu.br

(p. 36), o que levanta a discussão dos critérios de rateio. Nos capítulos 7 a 10, o leitor terá a oportunidade de avaliar o potencial dos diferentes métodos – departamentalização, variável, baseado em atividades – e das unidades de esforço de produção (UEPs). No capítulo 8, além de apresentar uma importante contribuição para a explicitação das diferenças entre o custeio variável e o custeio direto,

a teoria das restrições é introduzida como “outra interpretação do custeio variável”.

Finalmente, a Parte III – Controle e Tomada de Decisões – discute o custeio da produção conjunta, o tratamento das perdas físicas, o sistema de custo-padrão, as relações custo-volume-lucro, concluindo com o processo de formação de preços de venda.